

**A NEGRA *KITSCH***



Warley Matias de Souza

**A NEGRA *KITSCH***



---

Souza, Warley Matias de, 1974-

A negra *kitsch* / Warley Matias de Souza. –

1ª ed. – Joinville : Clube de Autores, 2017.

102 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-919584-7-4

1. Literatura brasileira. I. Título.

CDD-B869

---

A NEGRA *KITSCH*

*Copyright* © 2017 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Imagem de capa: *Gabriel Lavarini*

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer processo, sem autorização por escrito do autor.

Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

“És meu criador, porém eu sou teu senhor. Obedece!”

*Frankenstein*, de Mary Shelley.

Tradução de Míécio Araujo Jorge Honkis.



## I

Sim, vou morrer, sinto febrilmente que vou morrer, daqui a pouco, futuro próximo, uma questão de horas. Meu coração dá sinais de fraqueza, sinto os seus trancos de vida.

## II

Curioso que, na última noite, sonhei que estava com uma dor de cabeça, aqui bem atrás, forte. No sonho, cogitei um câncer no cérebro, trágico e desesperador.

## III

Acordei, sem dor, mas o coração...

## IV

É, vou morrer.

## V

Hoje à tarde encontrei no meu caminho uma jovem negra, lábios grossos abarrotados de um batom vermelho. Em seu cabelo crespo, havia uma orquídea também muito vermelha. E seus lábios sorriam, confundindo-se com a flor e com os meus olhos. Ela sorria para mim, não sei se por desejo se por desdém. Fiquei encantado e soube que era ela, assim, tão *kitsch*.

## VI

— A morte é *kitsch* — balbuciei, em uma espécie de sonambulismo.

## VII

Agora sei que vivi todas essas décadas para descobrir e revelar-lhes que a morte não passa de uma jovem negra *kitsch*.

## VIII

Porém, enquanto ela não me abraça e me beija com sua boca de sangue, vou comendo o que me resta de vida, pois não podemos rejeitar as migalhas que esta, gentilmente, oferece-nos.

## IX

Hoje fiquei de pé junto à janela do meu quarto e consegui ver um pedacinho do céu.

## X

Tenho uma casa antiga cercada por prédios e sombras. E, quando penso nisso, uma sensação angustiante toma conta de mim, como se a qualquer momento os prédios pudessem esmagar-me.

## XI

Aqui não vivo apenas eu, mas também as minhas lembranças e os meus fantasmas. Nasci nesta casa, vi os seus habitantes partirem, voltarem e morrerem. Aqui abriguei meu ódio e meu desejo, minhas esperanças e minhas ilusões, meus livros e meus orgasmos. E sei que aqui morrerei, morte próxima, orgia *kitsch*.

## XII

Todos somos mendigos.

## XIII

Não serei eu o revelador da grande verdade que demorei e trabalhei tanto para obter. Pois sou egoísta, completamente. Todo aquele que trabalha é egoísta, pois vê injustiça em dividir o resultado de seu esforço, de seu tenaz empenho.

## XIV

E, de repente, ocorre-me que o mendigo não metafórico, é um inadaptado com menos sorte do que eu. Não conseguiu ser normal, submisso ao sistema, e foi jogado à margem, único caminho possível para aquele que não consegue viver algemado pelas convenções. Esse incompreendido, talvez artista ou gênio, perambula pelas ruas, impossibilitado de transformar a realidade que

o massacra, sorte que talvez eu também tivesse se não fosse o acaso.

## XV

Um cheiro de coisa azeda. O cheiro da merda. O gosto do leite e também o gosto do sangue. Dor. Vacina ou cólica. A canção de ninar. Boi, boi da cara preta. Mão molhada a deslizar sobre minha barriga. O barulho de água morna. A urina: cócegas na uretra. Tosse. Catarro. A pressão das lágrimas nos olhos. Lágrimas que entram nos ouvidos. Gosto de lágrima na boca. Riso. Tapa.

## XVI

Enquanto a negra *kitsch* não me abraça com seus braços másculos e sua boca de fêmea, continuo a (r)existir. Sentado no banco vermelho do ponto de ônibus, sinto meu coração tremular, em solavancos, e ameaçar-me com seu tum-tum, tum-...-tum, tum-tum, tum-...-tum-tum... Vejo um menino de dois anos, com uma capa vermelha de super-homem, abraçado a um boneco amarelo cabeçudo, de plástico. Simplesmente assim, o menino crente e inconsciente de seu poder arrancou meu sorriso e despertou meu afeto tão embotado diante da morte iminente.